

A DECADIALÉTICA DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS: UMA PROVIDÊNCIA METODOLÓGICA PARA A CONTRUÇÃO DE UM CONHECIMENTO CONCRETO

Arthur Cristo da Silva¹

Prof. Dr. Marcos Antonio Spinassé²

RESUMO

Mário Ferreira dos Santos (1907-1968), ao erigir sua filosofia, criou um método dialético complexo que permite a análise de qualquer tema ou fato a partir de dez campos de raciocínio. A esse método denominou Decadialética. Pela combinação de seus dez campos, o raciocínio decadialético evita o abstratismo, que é a tendência de supervalorizar um aspecto da análise, o qual produz um conhecimento deficiente e incompleto do objeto analisado. Em oposição ao conhecimento abstratista, a Decadialética permite alcançar um conhecimento concreto da realidade. O presente artigo procurou estabelecer uma compreensão geral da Decadialética e de seus princípios de uso para alcançar o conhecimento concreto da realidade, através de uma pesquisa exploratória e bibliográfica.

Palavras-chave: Dialética. Decadialética. Filosofia Concreta. Método filosófico.

ABSTRACT

Mário Ferreira dos Santos (1907-1968), in erecting his philosophy, created a complex dialectic method that allows the analysis of any theme or fact from ten fields of reasoning. This method he called Decadialetics. By combining its ten fields, decadialetic reasoning avoids abstraction, which is the tendency to overvalue one aspect of analysis, which produces a deficient and incomplete knowledge of the analyzed object. In opposition to abstract knowledge, Decadialetic reasoning allows one to achieve a concrete knowledge of reality. This article sought to establish a general understanding of Decadialetics and its principles of use to achieve concrete knowledge of reality, through exploratory and bibliographic research.

Keywords: Dialectics. Decadialetics. Concrete Philosophy. Philosophical method.

1. INTRODUÇÃO

Mário Ferreira dos Santos (1907-1968) nasceu em São Paulo, filho do português Francisco Dias Ferreira dos Santos e da amazonense Maria do Carmo Santos; teve formação ginásial com os jesuítas no Rio Grande do Sul, a quem deveu o contato com a filosofia positiva, e graduou-se em Direito e Ciências Sociais, em Porto Alegre. Casou-se aos 22 anos com Yolanda Duro Lhullier, com quem teve duas filhas, ambas seguiram as pegadas do pai tornando-se escritoras de inúmeras obras

¹ Graduando de Bacharel em Filosofia do Centro Universitário Salesiano. E-mail: arthur_cristo@hotmail.com.

² Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFAL). E-mail: spinasse@msn.com.

(SANTOS, 1976). Atuou como advogado, tradutor, ensaísta, escritor e, segundo as palavras de Jorge Jaime (1999, p. 339), Mário Ferreira foi o “portentoso criador da filosofia concreta”.

A Filosofia de Ferreira dos Santos pretende ser uma filosofia *Positiva e Concreta*. Por *Positiva*, o filósofo (SANTOS, 1976) quer dizer que sua filosofia “parte e permanece na *Afirmção*”, ou seja, é uma filosofia que pretende construir um sistema de postulados afirmativos, que alcancem a positividade do ser, tal como o construíram os gregos e os escolásticos. O termo *Concreto* não é tomado na acepção vulgar, Mário o utiliza em sentido estrito, conforme o étimo da própria palavra: “do aumentativo *cum* e de *crescio*, ser crescido” (SANTOS, 1961, p.18). Ferreira dos Santos indica que a raiz *cum*, também designa a preposição *com*, o que dá a ideia de *crescer-se com*. Desta forma, o filósofo dá a entender que sua filosofia pretende alcançar as raízes mais profundas do ser, contemplando tanto seus princípios intrínsecos como os extrínsecos, que são aqueles elementos externos ao ser mas que são necessários para sua emergência (SANTOS, 2007).

O projeto filosófico empreendido por Mário Ferreira foi exposto em sua *Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais*³, a qual consta de quase 50 volumes, os quais foram publicados extraordinariamente dentro do período de quinze anos aproximadamente, contudo, sem os últimos volumes, que a morte prematura do filósofo impediu de concluir. A obra é dividida em três séries: os primeiros dez livros formam a parte sintética, contemplando áreas específicas do conhecimento filosófico: lógica, psicologia, teoria do conhecimento, etc; a segunda parte compõe a parte analítica da obra, são livros que tratam problemas variados; por fim, a última parte compõe-se de 10 volumes, constituindo a *Mathesis Magister*, a instrução suprema, onde aborda temas de alta complexidade (CARVALHO, 2001).

Ao desenvolver sua filosofia, Mário Ferreira criou um método complexo para a demonstração de suas teses. Com o afã de encontrar um método filosófico que pudesse abranger toda a complexidade da existência e pudesse apreender o máximo possível da realidade, criou um complexo método para sua filosofia a qual chamou *Dialética Concreta*. Este instrumento é erigido sobre a lógica tradicional e sobre as dialéticas de Hegel, Marx e Proudhon (CARVALHO, 1997b).

³ Ferreira dos Santos foi dono de duas editoras, as quais publicaram os vastos volumes da *Enciclopédia*: Editora Logos e Editora Matese.

Uma das providências da *Dialética Concreta* é a Decadialética. O termo *Decadialética* é formado pela união das palavras gregas *deka*, dez, e *dialektikê*, que significa *esclarecer através das ideias*. É ela um método dialético aplicável à Filosofia Prática, que pretende ordenar o raciocínio por meio de dez campos. Estes dez campos não estão isolados uns dos outros, ao contrário, interatuam-se constantemente entre si. A principal razão do método é conduzir o raciocínio a *concreção* de todos os aspectos do fato estudado, evitando o um raciocínio puramente abstrato. (SANTOS, 1966a).

O presente artigo pretende atingir uma compreensão geral do método decadialético e sua implicância para alcançar um conhecimento concreto, tal como proposto por Mário Ferreira em sua filosofia. Como também, pretende classificar a decadialética dentro das diferentes lógicas existentes; descrever as partes que compõe o todo deste método; explicar os princípios que orientam o raciocínio decadialético para atingir o que Ferreira dos Santos chamou de *concreção*.

Supõe-se que a natureza do método é determinada pela natureza de seu objeto de investigação. Ora, sendo a realidade mesma o objeto da filosofia, e sendo a realidade heterogênea, diferente e diversificada, sujeita ao dinamismo do *dever* e compreendendo aspectos antagônicos e irreduzíveis, a realidade se apresenta como um todo complexo de difícil apreensão para o homem. Portanto, para adquirir algum conhecimento deste caos, o filósofo precisa organizar em si, por meio de conceitos e categorias, os dados recolhidos da realidade e dispor em uma ordem que haja conexão entre o mundo e essas categorias. Para que haja êxito nesta empresa, precisará de um método que corresponda à heterogeneidade da existência do mundo. Considerando que a Decadialética possui dez campos de raciocínios que combinados entre si, formam, por sua vez, um raciocínio complexo e heterogêneo, seria ela capaz de produzir um conhecimento mais amplo da realidade, correspondendo melhor a própria natureza dos fatos.

O estudo de tal método filosófico se justifica pela valorização da filosofia em âmbito da história do pensamento no Brasil, combatendo o preconceito de não pode haver brasileiros filósofos propriamente ditos, e o desprezo por aqueles brasileiros que ousaram pensar por si. Preconceito que o próprio Mário deve de enfrentar quando decidiu publicar suas primeiras obras filosóficas, razão pela qual usou nomes estrangeiros como pseudônimos (SANTOS, 1976). Além disso, justifica-se também

pelas contribuições que a decialética pode alcançar como um método novo, que ainda não mostrou seu poder de alcance. Sendo um método que reúne o que há de mais sólido no pensamento antigo, incorporando elementos modernos e contemporâneos, e assimilando as descobertas científicas de seu tempo, Mário Ferreira criou um método atual e que pode abrir novos caminhos ainda não explorado por métodos antigos.

Tendo em vista a pouca pesquisa sobre a obra de Ferreira dos Santos, procurou-se, neste artigo, fundamentar as asserções nas diversas obras do autor, sobretudo nas quais tratou de metodologia, procurando estabelecer “maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Neste sentido, procurou-se esclarecer os princípios de uso da decialética através da unidade conceitual e operacional que há dentro do sistema apresentado nas diversas obras da *Enciclopédia*, o que dá o caráter bibliográfico e exploratório à presente pesquisa presente no neste artigo.

2. ASPECTOS GERAIS DA FILOSOFIA CONCRETA

No verbete dedicado ao filósofo paulistano, da *Enciclopédia Filosófica* do *Centro Studi Filosofici di Gallarate* (1969), o autor italiano, Cerlo Beraldo, define a obra de Ferreira dos Santos como sendo uma “síntese filosófica tradicional e pessoal” de pitagorismo e tomismo. Segundo Beraldo, Mário Ferreira procurou estabelecer uma síntese conceitual entre *Mathesis Magister* dos pitagóricos e a *Sabedoria Infusa* de Santo Tomás de Aquino, concebendo a Filosofia como uma *super-ciência* e como *sabedoria dos princípios*.

Ao comentar este verbete de Beraldo, Carvalho (2001) aponta que a definição formulada está incompleta, porém, permanece verdadeira se essencialmente considerada, tendo em vista que Ferreira dos Santos também recebeu a influência de outras correntes filosóficas, antigas e modernas. Acrescenta que Mário, ao perceber a tendência viciosa do mundo moderno de matematizar a filosofia, supôs que a correção desse erro deveria ocorrer a partir de uma “matematização mais profunda”.

A matematização da filosofia empregada por Mário Ferreira é entendida no mesmo sentido empreendido por Pitágoras. Os *números* não são tomados como na

Matemática vulgar, onde são considerados como medida, extensão e cálculo. Os *arithmoi* – os números – são considerados como leis ontológicas, fundamentos da estrutura do ser. Neste sentido, a matematização da filosofia se processa de modo análogo ao da matemática porque utiliza conceitos que permitem o rigor das demonstrações, o que permitem a construção de uma visão segura e unitiva da realidade (SANTOS, 1961).

A Filosofia Concreta seria então uma metamatematização da filosofia, porque ela “busca e justifica os postulados de um saber ontológico, válido em qualquer sector da realidade, e nas diversas esferas da realidade [...]” (SANTOS, 1961, p. 20). Esse saber ontológico é alcançado pela via dialético-ontológica, pelo qual as estruturas ontológicas são “mostradas”, e não demonstradas, uma vez que para a demonstração é necessário um terceiro termo, essas estruturas são validas de *per si* (SANTOS, 1966a).

Em suma, a Filosofia Concreta pretende

[...] alcançar conteúdos eidéticos rigorosamente apodícticos, em base estritamente ontológica, é assim, uma metafilosofia, porque, alcançados tais fundamentos rigorosos, é capaz não só de fazer crítica precisa do pensamento vário da filosofia, como, também, de estabelecer a procedência ou não de qualquer tese esboçada através dos tempos”. (SANTOS, 1966a, p. 722).

Por meio deste procedimento, Mário pretendeu alcançar aquilo que há de mais concreto e positivo, em outras palavras, procurou encontrar a “unidade transcendente das filosofias, na qual expressam os princípios auto-evidentes subjacentes a toda filosofia possível” (CARVALHO, 2001, p. 25). Ao procurar na filosofia universal esses “pressupostos latentes que, por trás da variedade e dos antagonismos aparentes entre os sistemas, configurassem [...] aquilo que todos, em toda parte, sempre acreditaram.” (CARVALHO, 1997a, p. 64). A esta unidade transcendental ele chamou de *Mathesis Magister*, a qual foi destinada a última série de sua *Enciclopédia*.

3. A DECADIALÉTICA

Uma das formas que Mário Ferreira (2007) utiliza para classificar a lógica interna dos diversos métodos é seguindo o critério da valência. Por exemplo, a Lógica Formal, segundo esse modo de classificar, seria uma lógica *bivalente*, porque para ela vale *isto ou aquilo*, é uma lógica do *sim* ou *não*; a dialética ontológica utilizada por Mário

para construir apoditicamente os postulados da Filosofia Concreta seria uma lógica *monovalente*, porque admite apenas um juízo, ou seja, seria uma lógica do "para isto, só vale isto".

A Decadialética, por sua vez, está enquadrada entre as diversas lógicas *polivalentes*, porque seria uma lógica que considera o *sim* e o *não*, de acordo com a alteridade do que pode existir. Além disso, a decadialética implica a *lógica afetiva*, ela considera a ressonância dos esquemas afetivos no processo do conhecimento. Estes esquemas são inevitáveis e ocorrem simultaneamente com as outras lógicas (SANTOS, 2007).

Por esta razão, Mário Ferreira aponta a decadialética como um método mais apropriado à *Filosofia Prática* do que à *Filosofia Especulativa*⁴, pois é naquela que se considera o *axioantropológico*, ou seja, "que traz as influências das apreciações humanas, valorizações e desvalorizações, que modificam a realidade" (SANTOS, 1966a, p. 710).

Assim define a Decadialética: "A Decadialética (deka em grego dez) é a dialética dos 10 campos de raciocínio que combinam-se entre si e tornam o raciocínio dialético complexo, heterogêneo, como a heterogeneidade da própria existência" (SANTOS, 2007, p. 257).

Tal como a existência é formada pela contradição de elementos irreduzíveis uns aos outros, os 10 campos da decadialética são formados por elementos irreduzíveis, o que permite uma conformação melhor entre método e realidade.

3.1. Princípios norteadores da análise Decadialética

Para Mário Ferreira, a Dialética não designa apenas uma providência metodológica, ela também constitui, verdadeiramente, uma cosmovisão da natureza, que contém em si uma razão interna de oposição. De modo que tanto na mente quanto na natureza há relações de oposição (SANTOS, 1962).

⁴ A divisão da Filosofia que Mário Ferreira adota é próxima à da Filosofia Clássica. A Filosofia Prática compõe-se da Ética, da Filosofia da Religião, Filosofia da Cultura, Filosofia da linguagem, Economia, etc; e a Filosofia Especulativa constitui-se da Metafísica, Crítica, Teodiceia, Axiologia, etc.

Por esta razão, o primeiro aspecto que orienta a análise Decadialética consiste em tomar os conceitos como *tensão*. Para Ferreira dos Santos (1966c, p 1326), a *tensão* “consiste em uma unidade, que é especificamente diferente dos elementos componentes”, nesta unidade há uma agregação harmônica das partes que a compõe. Cada elemento que compõe essa unidade só pode ser separado como unidade virtualmente, pois na unidade, que constitui o ser atual, permanecem inseparáveis. A água, neste sentido, não é uma espécie nem de hidrogênio e nem de oxigênio; ambos separadamente se distinguem e diferenciam, contudo, unindo uma molécula de oxigênio a duas de hidrogênio, tem-se o esquema tensional da água, de modo que ocorre uma transformação desta composição em um novo ente (SANTOS, 1966c). De modo similar ocorre com o conceito; ele deve ser “considerado como uma tensão onde cooperam três esquemas tensionais noéticos: [...] 1) o eidético (abstrato), 2) o fáctico (o do objeto), 3) o páthico (o vivencial)” (SANTOS, 2007, p. 221).

O homem conhece por meio dos esquemas que possui; seu conhecimento é condicionado e limitado por estes esquemas (SANTOS, 2007). Segundo Mário Ferreira (1956a, p. 202), “as nossas experiências psíquicas formam os nossos esquemas psíquicos, segundo as nossas possibilidades, que já as antecedem.” Além disso, o homem é capaz de ampliar sua esquemática para conhecer mais e essa atividade criadora revela a atividade noética de seu espírito (SANTOS, 1956b). Aos esquemas são acomodados os estímulos assimilados pela intuição; ao conhecer, o homem “*virtualiza* o objeto (estímulo) para *atualizar* o *esquema* que lhe é próprio, ativo pela ação da própria vida” (SANTOS, 2007, p. 216). Só é possível essa assimilação se houver no fato homogeneidade com o esquema (SANTOS, 1958).

O esquema eidético-noético é forma *in mentis* que o homem constrói intencionalmente para representar os objetos do conhecimento. Há também a forma das coisas que são objetos do entendimento, que são formas *in res*, em linguagem pitagórica seria a lei de proporcionalidade intrínseca, este é o esquema eidético-fáctico, ou eidético-ôntico (SANTOS, 1966a). O esquema eidético-phático diferencia-se dos anteriores por não separar sujeito e objeto, mas identifica o sujeito no próprio objeto. É no homem que se processa a polaridade da *simpatia* e da *antipatia*. Ferreira dos Santos explica que o espírito humano funciona de duas maneiras, uma

distinguindo na realidade sujeito e objeto, e outra, identificando sujeito e objeto. São polos que não operam no homem separadamente, “há na intelectualidade sempre afectividade, que se revela *interêsse*, como há na afectividade a intelectualidade, que se revela na conceituação afectiva” (SANTOS, 1956b, 18).

Desde modo, o conceito é produto desse processo de assimilação e acomodação dos esquemas mentais do homem (eidético-noético) aos fatos externos (eidético-ôntrico), processo que ocorre seletivamente, segundo a vivência *phática* (simpatética ou antipatética) dos objetos do conhecimento.

Outro ponto que deve ser considerado como fundamental são os princípios extrínsecos e intrínsecos do ser. Todo ser finito é composto de ato e potência, e este dinamismo caracteriza seu existir. Aquilo que constitui sua perfeição em um dado momento (ato), deixará de ser em outro e dará lugar a uma outra perfeição (potência). Aqui se tem a causa emergente do ser. Contido, para que as potências se atualizem, são necessárias uma força externa que permitam sua emergência, a estas condições externas se chamam de causas predisponentes. Tome-se por exemplo uma semente qualquer; enquanto semente (em ato) ela possui a potência de tornar-se árvore, no entanto, para que esta potência se atualize, alguns elementos externos a sua constituição são necessários, tais como: solo fértil, água e sol. A potência de poder ser árvore, contida na semente, é uma causa emergente, e a água, o sol e o solo, compõe a causa predisponente que permite a emergência (atualização) da potência de ser árvore. Essa distinção é importante para a análise decidualética pois permite uma compreensão clara dos fatores que permitem o ser (SANTOS, 2007).

3.2. O Raciocínio Decidualético – Os Dez Campos Antinômicos

3.2.1. Campo do Sujeito e do Objeto

Este campo não se restringe ao homem, referindo-se à sua objetividade e subjetividade, ao campo do Eu e do Não-Eu, mas sim no que se dá entre o dualismo da subjetividade e da objetividade de todos os entes (SANTOS, 2007). Nas palavras de Carvalho (2009):

Todo e qualquer ser, seja físico, espiritual, existente, inexistente, hipotético, individual, universal, etc. é simultaneamente objeto e sujeito, o que é o mesmo que dizer – em termos que não são os usados pelo autor – receptor e emissor de informações.

Nesse sentido, o ente será sujeito quando ocupa o centro da análise, tendo a atenção voltada sobre ele, fornecendo as atualizações da investigação. É o *de quem* se está informando. Contrariamente, será objeto tudo aquilo que se opõe ao sujeito como aquilo que é informado dele. Nas palavras de Ferreira dos Santos (2007, p. 258) “[...] tudo é sujeito quando atualizado pelo pensamento, porque recebe o *jetto*, é objeto que se *jeta contra* (ob), o que é parcialmente virtualizado”.

Do ponto de vista da subjetividade humana, o filósofo acrescenta como providência metodológica, atentar para a influência das esquemáticas subjetiva e racional, que interferem nas assimilações durante a investigação filosófica. Porque esses esquemas tendem selecionar uns aspectos e rejeitar outros, de certa forma, inconscientemente (SANTOS, 1966).

Examinemos o seguinte raciocínio de Mário Ferreira exposto em *Teoria do Conhecimento*: tem-se esta proposição “esta árvore é uma macieira”. Ao analisar a proposição, Mário destaca três elementos: há um objeto de pensamento, a macieira; há o pensamento sobre a macieira; e há a relação entre o pensamento e o objeto do pensamento. Seu objetivo na análise é distinguir a verdade lógica da verdade ontológica: “Se a relação fôr vista do ângulo do objeto, temos a *verdade ontológica*; se do ângulo do sujeito, temos uma *verdade lógica*” (SANTOS, 1958, p. 236). Nesta colocação pode-se notar o movimento de deslocamento entre sujeito e objeto, ao mesmo tempo, aponta o quão diferencial pode ser essa atualização para uma análise séria.

3.2.2. Campo da atualidade e da virtualidade

Ferreira dos Santos incorpora neste campo a doutrina do ato e potência de Aristóteles. Para ele, como para o estagirita, qualquer ente finito é composto de ato e potência; tudo o que existe em ato, ainda não existe plenamente porque possuem potências, perfeições que precisam atualizar-se (SANTOS, 2007, 258).

Ainda ressalta suas diferenças dialéticas:

A potência é o poder de chegar a ser os contrários, e até as contradições. Nela, as determinações contrárias se confundem, porque um ser qualquer é, em potência, tudo quanto pode vir-a-ser e, em ato, tudo quanto é. No ato, as contradições se distinguem e se excluem. A semente da árvore não é apenas o que ela é em ato (semente), mas o que é em potência (árvore, semente etc.). (SANTOS, 2007, p. 259).

Se por um lado a potência é poder de ser, convém atestar que a existência de um ente qualquer não atualiza tudo quando esteve em potência; e de tudo quanto poderia se atualizar, umas potências eram mais possíveis que outras. A partir disso, Mário Ferreira define a possibilidade como aquilo que não contradiz a potência formalmente, e que possui variação em seu grau de atualização. Por isso afirma que “o que é em potência, pode ter possibilidades reais, em escala, e possibilidades não reais quando subjetivamente (no homem) consideradas” (SANTOS, 2007, p. 259).

Segundo o filósofo, este campo é o mais abrangente porque penetra em todos ou outros campos (SANTOS, 2007).

3.2.3. Campo das possibilidades reais (virtualidades) e das possibilidades não-reais

Como pontuado anteriormente, as potências podem ser consideradas subjetivamente como possibilidades reais ou não reais; quanto maior for a potencialidade da possibilidade, tanto maior será seu grau de realização. A essas possibilidades reais Ferreira dos Santos denominou *virtualidade*. O conhecimento das possibilidades é inumerável, somente pelo conhecimento do objeto singular se pode conceber o grau de realização de suas potências ou suas impossibilidades (SANTOS, 2007). Por exemplo, tome-se

3.2.4. Campo dialético da atualidade e a antinomia entre intensidade e extensidade

Carvalho (2020) anota que os termos intensidade e extensidade são tomados do físico alemão Wilhelm Ostwald (1853-1832) que pretendeu substituir o uso dos termos de quantidade e qualidade pelo uso dos primeiros. Mário Ferreira preferiu o uso das expressões extensidade e intensidade porque ainda não foram tomados em várias acepções, como outros termos em geral, o que permite um uso mais claro e um sentido mais nítido (SANTOS, 1966b, p. 690).

Por este motivo, em seu *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*, ele aponta em que sentido emprega os termos de extensidade e intensidade:

Quando empregamos as expressões que decorrem de **extensão**, sempre queremos significar o que se prolonga, o que parte para o exterior; é um dinamismo de afastamento, de desdobramento, de alongamento, é uma **direcção tomada para o objeto**, para o que é heterogêneo, mutável, para abrange-lo, incorporá-lo; é **centrífugo**. Quando empregamos as expressões decorrentes de **intensidade**, **intenso**, queremos nos referir a alguma coisa de interior, alguma coisa que vem da heterogeneidade da sucessão, do movimento de mutações do exterior para **dentro**, é uma transformação em si mesma, volvida para o interior; é **centrípeta**. (SANTOS, 1966b, p. 690).

Assim, o filósofo (SANTOS, 2007) distingue os dois vetores que formam o dinamismo da natureza; suas forças atuam reciprocamente, interpenetrando-se e estimulando-se mutuamente, de modo que se há a alteração de uma energia, inevitavelmente haverá também na outra. Esta antinomia existe tanto no ente real quanto no ente de razão.

3.2.5. Campo das oposições da intensidade e da extensidade nas atualizações

Este campo diz respeito às mudanças que ocorrem nos entes. Ela tende precisar quais sejam as naturezas das atualizações realizadas (CARVALHO, 2020).

Se forem intensistas, possuem oposições inerentes, são qualitativas. Ou, se forem extensistas, suas atualizações se dão na sucessão, nas moções, que, tomadas em sentido aristotélico, referem-se a qualquer transição (SANTOS, 2007).

3.2.6. Campo das oposições do sujeito: razão e intuição

Carvalho (2020) destaca que o estudo de qualquer ente, sob os aspectos anteriores, deve considerar a modalidade do conhecimento que se tem dele; sob o ângulo deste campo, devem-se distinguir os elementos racionais e intuitivos que atuam na atividade da investigação.

No processo cognoscitivo, a compreensão do semelhante e do diferente ocorre contemporaneamente. O diferente aponta os aspectos individuais nos entes, e o semelhante, os universais. Desta forma, o espírito humano exerce dupla função sobre a realidade: pela razão, busca-se o semelhante, tende para a ideia de identidade; pela intuição, busca-se o diferente, tende a revelar a fluidez. Ambos formam seus conceitos *a posteriori*. (SANTOS, 1968?).

Em seu livro *Filosofia e Cosmovisão*, Ferreira dos Santos distingue quais são os conceitos básicos da razão e da intuição, diferenciando-os e definindo-os.

Os conceitos da razão são esquemas abstratos noéticos, ou seja, são representações produzidas pela atividade abstrativa do intelecto; possuem características mais extensistas porque são eles espacializantes. Seus conceitos preferidos são: a semelhança, a quantidade, a imutabilidade, a imobilidade, o ser, a eternidade, a necessidade, o determinismo (causalidade), a atualidade, o espaço, a substância, a unidade. Embora não correspondam à totalidade do real, segundo o

filósofo, eles são adequados, pois possuem fundamento nas coisas (*in re*). (SANTOS, 1955).

Os conceitos da intuição, deferentes dos da razão, tendem à temporalização, possuem aspectos mais intensistas. Mário Ferreira enumera os conceitos da intuição na seguinte ordem: a diferença, a qualidade, o câmbio (mutação), o movimento, o devir, o tempo, a contingência, a liberdade, a potencialidade, a força, o Eu, a pluralidade. (SANTOS, 1955).

3.2.7. Campo das oposições da razão: conhecimento e desconhecimento

Este campo ocorre dentro da razão, no que se refere ao conhecimento racional, que é o conhecimento do geral. O filósofo explica que em todo processo cognitivo, há seleção e, portanto, aspectos que são virtualizados enquanto a atenção está voltada a um aspecto que o intelecto atualizou. Conclui que conhecer é também desconhecer. (SANTOS, 2007). Carvalho (2020, p. 123) acrescenta que “Não se conhece um objeto enquanto não se sabe o que tem de ser desconhecido para que ele se torne conhecido”.

3.2.8. Campo das oposições da razão: atualizações e virtualizações (atualizações e virtualizações intuicionais)

A razão opera por meio da atualização e virtualização, racionaliza o que recebe da intuição. Ora atua dedutivamente, ora indutivamente. A operação da intuição é semelhante ao da razão, porque também opera por meio da atualização e da virtualização. Em ambas a atuação é seletiva. (SANTOS, 2007).

3.2.9. Campo das oposições da intuição: conhecimento e desconhecimento

Pode-se aplicar a este campo o que se explicou no campo da razão, quanto ao conhecimento e desconhecimento. Também a intuição opera seletivamente, pois não se pode conhecer de uma única experiência todo conteúdo de uma singularidade. (SANTOS, 2007).

3.2.10. Campo do variante e do invariante

Esta última providência investiga aquilo que se repete e o que se apresenta como novo nos fatos, o que permite “classificá-los segundos as diversas categorias, e

poder captar a essência da coisa, e o que nela é meramente contingente acidental” (SANTOS, 1966b, p. 456).

3.3. A Pentadialética

Ao lado da Decadialética, Mário Ferreira dos Santos (2007) criou, como complemento, a Pentadialética (do gr. *penta*, cinco). Além dos dez campos antinômicos, ainda se pode considerar um fato qualquer sob cinco planos, o que permite aumentar os limites da concreção.

São os cinco planos: enquanto *unidade*, “estudando em si, em seu processo interior e descritivamente” (SANTOS, 2007, p. 263), ou seja, qualquer fato tomado em sua singularidade; enquanto *totalidade*, “formando parte de um todo que é elemento”, pode ser tomado, por exemplo, o indivíduo como membro de uma família ou sociedade (SANTOS, 2007, p. 263); enquanto *série*, “constitue com outros uma nova entidade formalmente distinta” (SANTOS, 1966c, p. 1086), por exemplo, considera o indivíduo numa classe (SANTOS, 2007, p. 263); como *sistema*, “parte de uma totalidade e de uma estrutura que pertence a uma conjuntura de estrutura seriais, fechadas num esquema tensional”, considerando o indivíduo num ciclo cultural (SANTOS, 2007, p. 263); como universo, “tomando da universalidade que o inclui”, como um indivíduo na espécie (SANTOS, 1966b, p. 1086).

O exemplo que Ferreira dos Santos oferece em seu *Dicionário Filosófico* é esclarecedor (SANTOS, 1966b, p. 1086):

[...] uma célula nervosa pode ser considerada em sua **unidade**, como **totalidade** na fibra à qual pertence, como **série**, na inervação da qual sua fibra faz parte, como **sistema**, no sistema nervoso, que a inclui, e como **universo**, no ser vivo, no qual o sistema nervoso é um componente fundamental.

A Decadialética e Pentadialética não constituem um processo sucessivo, segundo Ferreira dos Santos, os dois métodos entrecruzam-se para uma análise mais ampla, contribuindo reciprocamente em seus respectivos planos. (SANTOS, 2007, p. 264).

4. O CONHECIMENTO CONCRETO

O Conhecimento Concreto é a última etapa do processo quaternário do conhecimento. Em escala sequencial há o conhecimento estático, o cinemático, o dinâmico e por fim, o concreto. (SANTOS, 1958).

Assim expõe Ferreira dos Santos, em *Lógica e Dialética*, (2007, p. 251):

- 1) *Conhecimento estático*: se o considerarmos em sua tensão num momento preciso do seu processo.
- 2) *Conhecimento cinemático*: o que capta as variações desse fato com o tempo.
- 3) *Conhecimento dinâmico*: quando estudamos o que atua sobre o fato (influências exteriores), o que não constitui sua tensão, e sim o seu contorno.
- 4) *Conhecimento concreto*: realizado através da análise decadalética, incluindo a síntese dos três anteriores, como concreção final.

Da descrição acima, infere-se que a decadalética é um método que pressupõe um conhecimento prévio e amplo do tema ou do fato que se pretende atingir a *concreção*. A *concreção*, portanto, seria a reunião sintética dos conhecimentos anteriores, somados a análise decadalética unida a pentadalética.

Tome-se como exemplo o tema do *bem*. No primeiro estágio, o *bem* seria estudado a partir de um autor específico ou a partir de uma concepção específica de *bem*; no estágio seguinte, o tema seria ampliado e ter-se-ia a ideia do *bem* em todas as suas variâncias através de diversos autores; o conhecimento dinâmico exige a consideração daqueles elementos que não constituem a ideia de *bem*, mas que são necessárias para o sua existência, aqui poderíamos considerar a ideia de *mal*, ou as diversas circunstâncias, ou a consciência, ou a liberdade, etc; somente após este conhecimento prévio que pode proceder a análise decadalética sobre o tema estudado.

Ao aplicar a decadalética à síntese do tema analisado alcança-se:

“[...] um conhecimento circular, que conexiona tudo quanto pertence ao objeto estudado, desde sua definição geral até os fatores que determinam a sua entrada e saída da existência, a sua inserção em totalidades maiores, o seu posto na ordem dos conhecimentos, etc. [...] de modo que aquilo que foi obtido na esfera da alta abstração seja reencontrado no âmbito da experiência mais singular e imediata.” (CARVALHO, 2020, 121-122).

Em outras palavras, no conhecimento concreto há o conhecimento da essência do objeto, mas também “das leis que presidem à sua formação, à sua existência e perduração, bem como seu término” (SANTOS, 1961, p. 19).

5. JUSTIFICATIVA DA DECADIALÉTICA

Mário Ferreira (1958) explica que todo conhecimento ocorre pelo processo de assimilação e acomodação dos esquemas abstratos aos fatos concretos. Ou seja, o

conhecimento dos fatos está relacionado à capacidade esquemática do homem. Aquilo que não pode ser acomodado nos esquemas não pode ser assimilado. Daqui se infere que os esquemas, por serem limitados, fornecem um conhecimento sempre parcial. Por esta razão a Decadialética é imprescindível, porque:

[...] para uma visão global, é necessário reunir as possíveis colocações esquemáticas, através das dicotomias da decadialética, que distingue os diferentes opostos, mas reconhece a analogia da função inversa, que permite a cooperação eficiente, geradora do conhecimento globalizando.

Isto significa que a relação de oposição nos campos, permite a concreção daquilo que a atividade seletiva da mente humana, desconsidera no ato de conhecer, o que permite que o oposto seja sempre lembrado, o que foi separado seja reunido novamente ao todo do qual faz parte.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se neste artigo alcançar uma compreensão geral do método decadialético, criado pelo filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos e o entendimento processual de sua aplicação para alcançar o Conhecimento Concreto.

Pelo que ficou demonstrado pela análise de diversas obras do filósofo, a Decadialética alcança o processo de concreção da realidade porque atinge um grau de heterogeneidade e de complexidade que permite uma adequação entre os esquemas abstratos noéticos e os esquemas eidético fáticos. Em outras palavras, por meio da interação dos campos antagônicos da decadialética, o homem pode ampliar sua esquemática para melhor acomodar os fatos em seus esquemas mentais. Desta forma, evita-se o abstratismo, que é a tendência de reduzir a realidade a um aspecto atualizado, ou seja, uma super valorização deste aspecto.

Além disso, ao contemplar a lógica afetiva em seu processo de análise e os fatores de emergência e predisponência, permite uma visão mais ampla e completa, permitindo uma concreção maior.

Por esta razão, a hipótese levantada inicialmente é confirmada e ampliada por elementos até então não previstos. Ao lado da Decadialética e da Pentadalética, Mário utiliza a dialética simbólica e a dialética concreta, para completar o conhecimento concreto. O que indica um vasto campo de pesquisa para compreender todos os mecanismos metodológicos necessários para um completo

conhecimento concreto.

REFERÊNCIAS

BERALDO, Carlo. Santos, **Mário Ferreira dos**: verbete da “Enciclopédia Filosófica”- Centro di Studi Filosofici di Gallarate. 2ª ed. Firenze: G.C. Sansoni Editore, 1969.

CARVALHO, O. **Mário Ferreira dos Santos**: guia para o estudo de sua obra. Preparação e organização de Ronald Robson. Campinas: Vide Editorial, 2020.

_____. **Introdução**. In: SANTOS, M. F. **A Sabedoria das Leis Eternas**. É Realizações, 2001. p. 11-40.

_____. **O Futuro do Pensamento Brasileiro**: estudos sobre o nosso lugar no mundo. Rio de Janeiro: Faculdade da cidade, 1997a.

_____. **Introdução Crítica à Dialética de Schopenhauer**. In: SCHOPENHAUER, A. **Como vencer um debate sem precisar ter razão**: em 38 estratégias: (dialética erística). Tradução de Daniela Caldas e Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997b. p. 13-92.

_____. **Mário Ferreira dos Santos e o nosso futuro**. 2009. Disponível em: <<http://olavodecarvalho.org/mario-ferreira-dos-santos-e-o-nosso-futuro/>> Acesso em: 21 abr. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisas**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SANTOS, M. F. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. 4. ed. São Paulo: Matese, 1966a. (2 vol.).

_____. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. 4. ed. São Paulo: Matese, 1966b. (3 vol.).

_____. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. 4. ed. São Paulo: Matese, 1966c. (4 vol.).

_____. **Filosofia e Cosmovisão**. 2 ed. São Paulo: Logos, 1955.

_____. **Noologia Geral**. 3 ed. São Paulo: Logos, 1956a.

_____. **Psicologia**. 2 ed. São Paulo: Logos, 1956b.

_____. **Convite à Filosofia e à História da Filosofia.** 5 ed. São Paulo: Logos, 1968?.

_____. **Filosofia Concreta.** 3 ed. São Paulo: Logos, 1961. (Tomo 1).

_____. **Métodos Lógicos e Dialéticos.** 3 ed. São Paulo: Logos, 1962. (1 vol).

_____. **Filosofia da Crise.** São Paulo: É Realizações, 2017.

_____. **Lógica e Dialética: lógica, dialética e decialética.** São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Teoria do Conhecimento.** 3 ed. São Paulo: Logos, 1958.

_____. **Meu Filosofar Positivo e Concreto.** In: LADUSÃNS, S. (Org.). **Rumos Atual da Filosofia no Brasil: em auto-retratos.** São Paulo: Loyola, 1976.

JAIME, J. **História da filosofia no Brasil.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: Faculdades Salesianas, 1999. (vol 2).

MARITAIN, J. **A Ordem dos Conceitos: Lógica Menor (Lógica Formal).** Tradução de Ilza das Neves. 4 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.